



MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ – ESCOLAR

**“Qual o papel do educador como facilitador da
brincadeira”**

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada para a Obtenção do
grau de Mestre em Ensino Pré-Escolar elaborada por:

Mafalda Machado da Cruz Moniz Pereira

Sob orientação de:
Professora Ana Levy Aires

Lisboa
Junho de 2013

Epigrafe

Uma idade que eu defino como fundamental- A infância.

Uma actividade inevitável- a brincadeira

Dedicatória

...Dedico a todas as crianças que cruzaram e irão cruzar no meu caminho enquanto profissional de educação

Agradecimento

Quero agradecer...

Em primeiro lugar aos meus Pais, sem os quais, não estaria a ser possível a realização deste sonho.

Quero agradecer a todos os professores que me acompanharam nesta caminhada e que me ajudaram a tornar na profissional de educação que sou hoje. Em especial à professora Ana Aires que me acompanhou e partilhando sempre comigo os seus conhecimentos.

A todas orientadoras de estágio especialmente à Professora Isabel Mora Gerardo que me acompanhou no meu último estágio no externato Rainha Dona Amélia.

À professora Vera Malhão por se ter disponibilizado ajudar a tornar todo o meu raciocínio um pouco mais pragmático.

Quero agradecer à Leonor Granate, à Maria Teresa Sarmento, Maria d'Orey, à Vera Caldeira, à Marta Macedo, à Filipa knapic e à Maria Cerqueira que ao longo destes 5 anos para além de colegas de curso, tornaram-se grandes amigas que irei guardar no meu coração e que desejo que continuem a fazer parte da minha vida.

A todas as educadoras cooperantes com quem estagiei, em especial À Sofia Fonseca, a primeira profissional com quem tive oportunidade de estagiar e que acompanhou ao longo deste período, como referência, como exemplo, como uma educadora Mestre.

E por fim a todas as crianças que cruzaram no meu caminho, crianças que vi chorar, sorrir, brincar e que tanto amo.

Resumo

O objectivo deste relatório foi tentar entender como é que o educador pode ser um facilitador da brincadeira.

Sendo a brincadeira um processo essencial entre a criança e o seu mundo, com a elaboração deste trabalho, abordei a importância do brincar para o desenvolvimento desta e observar como é um factor crucial tanto para o desenvolvimento intelectual, como físico e emocional da criança. Também estudei o papel dos educadores no processo de inserção do brincar na vida da criança como o que toda esta acção representa para si.

Neste trabalho estudei a importância da existência do brinquedo e dos materiais de que este é composto como instrumento da brincadeira. A diferença entre uma sociedade desenvolvida - Lisboa- e outra em desenvolvimento – Ilha de moçambique- , adaptado à experiência que vivi em África em 2010-2011.

Assim, analisando vários autores e a prática da brincadeira pelos Educadores inquiridos, cheguei à conclusão que a brincadeira é observada como um instrumento de trabalho para a formação da criança enquanto ser individual pertencente a uma sociedade.

Com base no estudo através da observação realizada não só ao longo da minha prática pedagógica como de leituras sobre diversos temas relacionados com o meu tema de investigação.

Palavra-chave:

Brincar em educação de infância; brincar como estratégia de aprendizagem; educador- facilitador; brinquedo/material lúdico; relação entre pares na infância.

Abstract

The goal of this report was to understand how the teacher can be an enabler of the child's play.

Considering that the child's play is an essential behavior between the child and its world, with this report, I will approach the importance of child's plays for the development of the child and understand how it is a key factor either for the child's intellectual development or physical and emotional progress. As a result, I will analyze the teachers' role in the introduction of the child's play into the life of the child as well as all the activity that it represents.

I will also study the importance of the toy and the materials which are a way of playing. I will use as well the difference between the developed society – Lisbon – and one still developing – Mozambique Island – according to the experience that I have lived in Africa (2010-2011).

Therefore, in this exploratory study, and analyzing several authors as well as the child's play performed by the teachers inquired, I have concluded that the child's play is seen as a way of work to train the child as a human being that belongs to a society.

This study is based on the analysis performed not only during my pedagogic experience as well as from reading several subjects related to the theme of my report.

Índice

Introdução	9
1. A Problemática	17
1.1. Pergunta de Partida e Questões Orientadoras	18
1.2. Caracterização do Estágio- sociedade desenvolvida	19
1.2.1. O grupo. Rapazes e Raparigas de 3 a 4 anos	19
1.3. Caracterização do contexto de uma realidade em desenvolvimento - Ilha de Moçambique Testemunho pessoal	20
2. Enquadramento Teórico	22
2.1. O que é Brincar?	22
2.2. Os Critérios da Brincadeira	22
2.3. Os Recursos que a criança encontra para brincar	25
2.4. O Brincar como experiência cultural	26
2.5. O papel dos materiais na Brincadeira	28
2.6. Brincadeira como estratégia de aprendizagem	30
3. A organização e gestão do espaço, do tempo e sua influência nas relações interpessoais	
3.1-Relação entre pares	32
3.2-A relação educador- crianças	33
4. Metodologia	36
4.1- Universo de Pesquisa	36
4.2- Investigação Qualitativa.	37
4.3- Etapas do processo do da Trabalho	38
5. Análise de dados: Resultados	39
6. Conclusão	45
7. Bibliografia	48
8. Anexos	50

Índice de Tabelas

Tabela 1- Apresentação do grupo de acordo com a idade e género 19

Tabela 2- Apresentação do grupo através do critério de género 19

Índice de Imagens

Imagem 1- Planificação	34
Imagem 2- Planta da Sala	35
Imagem 3- Etapas da Investigação do Trabalho	38

Introdução

A trajectória de vida como orientação de um caminho profissional:

O presente relatório de estágio integra-se na unidade (Prática de Ensino Supervisionada).

Acho importante referir o meu percurso académico e pessoal, realçando os momentos que me levaram a fazer determinadas escolhas e desta forma a definir mais concretamente todo o meu percurso até aqui. Escolhas essas impulsionadas por certas motivações que hoje me fazem sentir com toda a clareza que o meu eu profissional, passa por ser educadora - **facilitadora do desenvolvimento de crianças.**

Desde muito cedo que quando me questionavam quanto ao que eu gostaria de ser quando fosse grande, até uma certa idade a minha resposta era muito simples e directa: “mãe”, argumentava que gostava muito de bebés e de cuidar deles, que queria ter muitos filhos porque nada como ter uma casa cheia. Com o passar do tempo essa profissão de mãe passou a ser designada por professora e mais tarde ao compreender que o nome correcto para os profissionais dessa área era educadora de infância, assim me passei a definir.

Segundo o perfil específico de desempenho profissional do educador de infância- (Decreto-Lei nº 241-2001, 30 de Agosto), o educador de infância age nas áreas de concepção e desenvolvimento do currículo (observação, planificação, e avaliação), nas áreas da relação e da acção educativa, na área de integração do currículo - expressão, comunicação e conhecimento do mundo.

Estes tópicos são condições do trabalho profissional do educador de infância como facilitador do desenvolvimento pessoal, social e cívico das crianças.

Quando iniciei o curso, planeava realizar o mestrado nas duas vertentes educador e professora de 1º ciclo, mas depois de realizar os diferentes estágios percebi que, na verdade, onde me sinto completamente realizada e onde o meu coração fala mais alto é como educadora de infância. É esta a área onde sinto uma ligação mais especial com o grupo por sermos pessoas a colaborar, mais intensamente, na formação da pessoa. São as idades com que mais me identifico, acho que aprendemos muito com eles pois os seus olhares

e pensamentos são muito genuínos e a educação pré-escolar permite que o educador ensine a partir dos conhecimentos que as próprias crianças são portadoras.

Deste modo, decidi finalizar o meu curso seguindo pelo mestrado em pré-escolar e deixando para mais tarde, depois de acumular mais experiência com crianças, a oportunidade de completar o mestrado em primeiro CEB.

Ao longo do meu percurso académico tive vários estágios que foram sempre uma mais-valia para mim enquanto futura educadora, pois olho para todos eles como uma oportunidade de formação que a Escola nos ofereceu para podermos pôr em prática todos os conhecimentos que íamos adquirindo até à data e desta forma enriquecermos a nossa acção pedagógica e reformularmos conhecimentos teóricos.

Em paralelo com a minha vida escolar descobri há uns anos o mundo do voluntariado que se tem tornado uma vocação que completa os meus dias.

A experiência de voluntariado:

Esta vocação começou a ser mais consciente no 1º semestre do 3º ano do curso, quando decidi fazer uma pausa na minha formação e partir para uma experiência de voluntariado, em África mais exactamente na Ilha de Moçambique, durante seis meses.

Ao longo desse tempo apresentei-me em diversas vertentes tais como professora, educadora, explicadora e até em certos momentos fui uma enfermeira. Mas acima de tudo fui sempre a mesma pessoa de coração aberto para todas as experiências que estava a viver. Deixar o “nosso mundo” e tudo aquilo que já nos é adquirido foi o primeiro passo que dei para me poder entregar de corpo e alma a toda aquela nova realidade com que me deparei. Foi uma experiência única e que marcou radicalmente a minha vida. Quando regresssei, os meus olhos trouxeram as imagens dos dias que lá passei, das crianças que vi chorar, sorrir, como também das crianças que amei.

Quando lá cheguei sofri um forte impacto, toda aquela ideia preconcebida do que seria o continente africano estava aquém da verdade. Quando cheguei à Ilha de Moçambique, ao local que se iria tornar a minha casa nos próximos 6 meses, não me consegui controlar, naquele instante muitas questões surgiram

na minha cabeça, como seria possível viver num local com dimensões tão reduzidas e com tão escassos recursos, fundamentais para a vida a que estava habituada. Mas em pouco tempo esse mesmo local fez com que a vida se transformasse numa história mágica onde se retracta o amor que tudo pode e quando parece que o tudo já foi conquistado pode ainda esse tudo ser maior!

Senti a minha motivação na procura de oportunidades onde possa dar aos outros o meu tempo, o meu espaço, para assim poder contribuir para a felicidade e o bem-estar do próximo.

É este conjunto de emoções, de pessoas, de cores, de risos, de histórias, de dias que eu encontro sempre que parto para uma nova experiência de voluntariado.

Inicialmente e conforme a orientação que a WAY^(a) (We And You) ONG, nos deu foram de acompanhar os alunos na escola e dar explicações a quem necessitasse.

Mas ao entrar naquela realidade percebi que poderia preencher os meus dias com outras actividades, tais como acompanhar o trabalho da creche, fazer a promoção da leitura tanto com as crianças como com os adultos.

Animei um campo de férias que inicialmente tinha sido pensado apenas para os melhores alunos da escola mas que, em boa altura, decidimos abri-lo a todas as crianças da ilha de forma a poder proporcionar um tempo diferente e divertido a um maior número de crianças.

Foi sem dúvida uma experiência única, os meus dias eram passados no meio de uma pobreza imensa, mas estranhamente uma pobreza menos sofrida, as pessoas e as crianças eram felizes independentemente de toda a realidade em que viviam. Daqui ficou-me uma grande lição de simplicidade.

As ruas apesar de imundas não deixavam de ser o local de preferência das crianças para brincar, tornando-se assim, num lugar privilegiado de socialização.

(a) WAY (We And You): Organização não governamental

Moçambique, um tempo que voou e que pertence ao passado, mas mesmo tendo essa consciência mantenho-o vivo dentro do meu coração, de forma a manter sempre vivas as diversas aprendizagens que fiz e que me tornaram na pessoa que sou hoje.

Ao olhar para toda a minha “bagagem” pessoal, defendo que a postura que devemos ter na vida é aquela onde nos entregamos de corpo e alma a tudo aquilo em que nos envolvemos, tentando dar sempre o nosso melhor, *pois* desta forma, novos caminhos irão surgir e com eles muitas aprendizagens iremos fazer.

Entrar em contacto com outra realidade afastando-me por uns tempos da minha, acabou por me fazer perceber a sorte que tenho por tudo o que sempre tive na minha vida. Uma antítese do mundo imaginário da criança pois esta separa-se do seu mundo e cria um novo lugar novo para assim realizar os seus desejos, as suas fantasias e obter tudo aquilo que não domina

Já passaram dois anos desde que regressei mas desde esse dia sempre fiz questão de pensar nesse sentimento não como uma despedida mas sim como um até já. Como não fiquei indiferente a tudo o que lá vivi, é certo que um dia irei regressar, tendo consciência que dificilmente irei voltar a cruzar caminho com as mesmas pessoas que pertenceram de então, mas sei que o que ali vivi foi tao especial que me irei sempre lembrar de todos com um enorme carinho.

Planeio lá voltar no próximo mês de Setembro, tenho tudo encaminhado nesse sentido. Termina, por agora, o percurso académico e depois estarei livre e disponível para voltar a poder entregar-me de novo a uma outra experiência de vida tão marcante como a que vivi na Ilha de Moçambique.

Olho para essa experiência com a mesma simplicidade de outrora, em que os dias eram imensos, preenchidos por uma riqueza chamada **resiliência**. O voluntariado está presente no meu dia, pois aos meus olhos ser voluntário é oferecer o seu tempo a alguém, é ajudar de coração sem esperar nada em troca.

O voluntariado é uma maneira de estar na vida, de relativizar os nossos próprios problemas e dar atenção a outros possivelmente bem mais graves, atendendo a vidas que, por algum motivo ou circunstância, tiveram um destino

pior. O voluntariado começa em casa, no dia-a-dia, está presente na nossa maneira de estar, pensar e agir.

Um pequeno gesto que para nós é tão simples mas para quem o recebe é ENORME.

Uma nova maneira de estar na vida...

A pessoa que partiu em 2010 não foi a mesma que voltou em 2011. Quando regresssei à Escola em Fevereiro sentia que mais força, mais determinação e mais coragem inundavam o meu ser. A vida reservou-me muitas aprendizagens extra facultade que me enriqueceram como pessoa, e que me tornaram mais humana e ciente do valor da vida.

De um momento para o outro a nossa vida muda, pois ela encontra-se em constante mudança, de um segundo para o outro perdemos pessoas importantes e por vezes basta um instante para encontrar alguém por quem temos andado à procura a vida toda e ainda mais um segundo para a voltar a perder, para depois a conquistar novamente.

Penso, que a nossa atitude de vida deve ser de lutador, pois devemos ir em busca daquilo que para nós faz sentido, daquilo que desejamos, traduzindo por outras palavras, dos nossos sonhos, porque ao fazê-lo estamos a dar provas a nós próprios que estamos vivos, que queremos viver. Mais vale arrependermos daquilo que fizemos do que daquilo que poderíamos ter feito e não o fizemos. E nunca esquecer que a vida é para ser vivida com o sentido que nós lhe queremos dar, uma frase que não é de minha autoria mas que hoje em dia adoptei como filosofia de vida é:

Se caíres porque foste à luta, essa queda só será um pretexto para tu te levatares ainda com mais força e retirar dela todas as aprendizagens possíveis e continuares o teu caminho com mais sabedoria e certezas. Em vez de esperarmos pelos grandes acontecimentos para sermos felizes, devemos olhar para as pequenas coisas de cada dia, como um simples abraço, um beijo, ou até um sorriso e não esquecer de dar graças todos os dias simplesmente por estar vivo, por ter a oportunidade de poder viver este dia, porque são estas pequenas coisas que nos trazem a felicidade mais pura, mais verdadeira e mais genuína. Aprender a olhar para a felicidade não como algo a conquistar

permanentemente mas olhar para a felicidade constituída por um conjunto de momentos.

E comigo foi o que se passou. Depois de toda esta experiência que despertou em mim a vontade de mudar o meu olhar, a vida reservou-me, passado um ano e pouco da minha chegada a Portugal, um momento que me fez crescer e perceber que somos mais fortes do que algum dia possamos imaginar ser.

Numa consulta de rotina ao dermatologista deparo-me com a notícia que o sinal que tinha tirado há duas semanas era maligno e que teria de ser novamente operada, para limparem tudo e não dar hipóteses a que as células cancerígenas se espalhassem mais.

Como se pode imaginar não foi fácil lidar com esta notícia, só me lembro de olhar para a minha mãe e ver que não tinha sido só o meu mundo a cair, o dela também caíra. Sentia-me paralisada, perdida, como se tivesse acordado um dia num deserto e não visse mais nada à minha frente.

Esses primeiros dias de aceitação foram muito complicados, a primeira reacção não escondo que foi fugir e esconder-me do mundo e das pessoas que me rodeavam, tendo sido preciso uns dias até eu ser capaz de olhar à minha volta e perceber que tinha de reagir, que esse primeiro passo tinha de ser dado somente por mim, pois naquele momento tudo estava nas minhas mãos.

É verdade, aquela notícia atingiu-me como uma pedra, e como todo o ser humano precisei do meu tempo para aceitar o que me estava a acontecer, não é nada fácil sentir que a nossa vida está fora do nosso controlo, fora das nossas mãos, muito menos olhar para os meus pais e saber que, como eu, também eles se sentiam perdidos porque a vontade deles era trocar imediatamente de lugar comigo.

Tentei, apesar de toda a difícil situação em que me encontrava, manter a fé e pensar positivo. Agarrei-me ao que tinha à minha volta, fé, família, amigos, sonhos para assim ter força.

Agora, em termos médicos, entrei numa fase de rotina, em que terei de ser vigiada durante 5 anos para se certificarem que o meu estado de saúde se mantém controlado.

Quando tive acesso a esta informação, apesar deste grande susto, é importante realçar que tive consciência da sorte que tive. Sorte por tudo ter

sido descoberto muito no princípio, por a espessura do sinal ser bastante reduzida e estar abaixo do limite de gravidade, o que mais uma vez me mostrou a sorte que tive em ficar livre de tratamentos mais violentos, sorte pelo sinal se encontrar num sítio onde eu o pude detectar, pois ele apareceu-me numa perna enquanto estava em África, no período de tempo que tinha decidido largar o meu mundo e ir ajudar quem, aos meus olhos, mais precisava.

O mais comum era ter ficado com raiva e revolta como também preenchida por sentimentos negativos acerca do voluntariado, mas não foi assim que decidi encarar a situação. Quero olhar para tudo como uma simples coincidência, uma de muitas que a vida nos reserva. Uma coincidência que fez com que eu hoje sinta muita responsabilidade na pessoa que sou e por isso a tudo o que me entrego faço-o de coração.

Aos meus olhos a vida está sempre a testar-nos, a querer que nós aprendamos o quanto somos fortes e que nós somos do tamanho dos nossos sonhos.

“O sonho comanda a vida” uma frase muito celebre de António Gedeão que eu acredito e até faço dela uma atitude e predisposição para a vida. Deste modo e naquele momento os sonhos foram os grandes responsáveis pela minha motivação dia após dia e assim o continuarão a ser ao longo da minha vida.

Apesar de ter consciência das minhas limitações, continuo ao mesmo tempo a ser aquela rapariga cheia de sonhos, e que está sempre à procura de conseguir ir mais além do que aquilo que meramente lhe é pedido, que está constantemente a tentar encontrar a simplicidade das coisas mais pequenas que preenchem o seu dia, para assim ir de encontro à felicidade.

Todos estes momentos por que passei confirmaram o que o meu coração desde cedo me dizia, que o meu Eu profissional passa por ser educadora, passa por marcar a diferença na vida das crianças que cruzarem o meu caminho, por poder contribuir para a sua formação, tanto como ser individual como social e deste modo criar amizades com base no amor pois não há melhor ingrediente que este para a tornar verdadeira.

Tendo em conta toda a experiência de vida que trago dentro da minha “bagagem” pessoal e profissional, escolhi trabalhar no meu relatório final de

estágio um tempo o que é a brincadeira na vida das crianças. **Qual o papel do educador como facilitador da brincadeira? E qual o papel da brincadeira no desenvolvimento da criança e especialmente no desenvolvimento ou da capacidade de resistência a situações difíceis?** Escolhi aprofundar este tema porque na verdade o que me motiva a ser educadora nos dias de hoje é o olhar que eu tenho sobre a criança. Um ser livre, um ser simples em plena formação tanto enquanto pessoa inserida num contexto individual, como num contexto colectivo.

Considero a brincadeira como meio para a criança evoluir enquanto pessoa e na carta dos Direitos da Criança podemos verificar a defesa desta.

O que reforça a importância do educador em privilegiar essa ligação, facilitando esse tempo e esse espaço, pois as crianças não nascem sabendo brincar mas, sim, é algo que elas vão descobrindo.

Segundo Brougère (2000:54), o brinquedo e as brincadeiras são actividades culturalmente pertencentes ao ser humano. “A criança está inserida, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável”.

1. A problemática

O relatório que foi realizado, no âmbito da disciplina Prática de Ensino Supervisionada 2012/2013, pretende abordar a brincadeira como conduta de conquista de novos saberes.

Segundo Rogers (1985) Quando um adulto tem como função facilitar o crescimento automaticamente está permitir à criança uma completa liberdade da expressão simbólica e deste modo, está a favorecer a criatividade. Esta liberdade permite uma abertura ao indivíduo para assim, ele poder pensar, sentir, ser o que é no seu mundo mais íntimo. Tendo em conta toda esta realidade como toda a experiência de vida que trago dentro da minha “bagagem” pessoal e profissional, escolhi trabalhar no meu relatório final de estágio um tema sobre a importância do brincar na vida das crianças. **Qual o papel da brincadeira no desenvolvimento do imaginário e da capacidade de resistência e qual o papel do educador como facilitador desta actividade das crianças?**

Ao ir ao encontro da resposta da problemática que mobilizou este estudo, outras questões orientadoras surgiram:

Será que através da brincadeira a criança apenas exprime e exterioriza o que sabe ou também faz novas aprendizagens?

De que maneira, o papel dos materiais poderá influenciar o desenvolvimento das brincadeiras?

De que forma a brincadeira é uma “ponte” entre a criança e o mundo facilitando a sua adaptação e intervenção na realidade não- lúdica?

De que modo a relação com os adultos, considerando que o brincar é uma actividade entre crianças, poderá contribuir para o desenvolvimento das diferentes aptidões (sócio- afectivas, motoras e cognitivas) durante a brincadeira?

Um leque de questões que ao longo do relatório fui desenvolvendo com o objectivo de descobrir como é que a brincadeira pode ser um processo em que a criança crescer e se desenvolve de forma equilibrada e completa.

Escolhi aprofundar este tema porque na verdade o que me motiva a ser educadora nos dias de hoje é o olhar que eu tenho e quero aprofundar sobre a criança e a sua educação.

Ao brincar, as crianças estão em simultâneo a desenvolver o seu “Eu”, pois desenvolvem aptidões cognitivas, sócio- afectivas e motoras que mais tarde se tornam num canal de reconhecimento com outros, consoante as culturas com que interage e deste modo acolhe.

Podemos verificar na Carta dos Direitos da Criança diferentes tópicos que defendem esta actividade livre – o brincar – ao acreditar que através desta, a criança evolui enquanto pessoa tanto a nível pessoal como colectivo, pois é desta forma que a criança se tende a encontrar inserida numa sociedade.

O relatório centrou-se em crianças de 3 anos, idade onde ainda se torna difícil fazer uma distinção coerente e legítima da brincadeira e da realidade mas que a certa altura começa, aos poucos, a ser capaz de entender essa diferença e são essas diferenças que se tornam algo significativo e representativo na vida da criança.

Deste modo tracei um perfil do jardim-de-infância como um espaço promotor de actividades lúdicas e de que pode ajudar a criança a tornar-se capaz de fazer a separação entre o “eu” e o “tu” para assim conseguir realizar funções que demonstrarão que está a crescer.

Para me ajudar na realização do relatório recorri a vários autores que fundamentam toda esta acção e que a definem o brincar como uma actividade efectiva da construção do real.

1.1- Pergunta de Partida e Questões Orientadoras

Tal como afirmei na introdução, estou particularmente interessada em descobrir como é que o Educador de Infância pode ser um agente facilitador da brincadeira ou então, por outras palavras, em que medida o educador pode colaborar para o desenrolar desta acção?

Escolhi esta pergunta de partida porque como futura educadora olho para a criança como um ser simples que se encontra em plena formação tanto enquanto pessoa inserida num contexto individual, como num contexto colectivo.

1.2- Caracterização do Estágio

O estágio decorreu de 8 de Abril a 21 de Junho de 2013, como já referi, no Externato Rainha D. Amélia com a educadora cooperante Joana Fragateiro. O grupo tem idades compreendidas entre 3-4 anos, a idade onde as crianças começam a fazer essa distinção entre a realidade e a brincadeira.

1.2.1- O grupo. Rapazes e Raparigas de 3 a 4 anos.

Crianças	Sexo	Idades
A1	Masculino	4 Anos
A2	Feminino	3 Anos
A3	Masculino	4 Anos
B1	Feminino	4 Anos
B2	Masculino	3 Anos
C1	Feminino	3 Anos
C2	Masculino	4 Anos
D	Masculino	4 Anos
I1	Feminino	4 Anos
I2	Feminino	3 Anos
J1	Masculino	3 Anos
J2	Feminino	3 Anos
L1	Feminino	3 Anos
L2	Feminino	3 Anos
M1	Feminino	3 Anos
M2	Feminino	3 Anos
M3	Feminino	3 Anos
M4	Feminino	3 Anos
P	Masculino	3 Anos
T1	Feminino	3 Anos
T2	Feminino	3 Anos
V	Masculino	4 Anos

Tabela2: Apresentação do grupo através do critério de género

Feminino	15
Masculino	8

O grupo é constituído por vinte e três crianças, das quais quinze são raparigas e oito são rapazes.

Todas as crianças completaram três anos de idade até Dezembro de 2012.

Todas as crianças provêm de um meio sócio- económico médio- alto.

É um grupo bastante dinâmico e alegre que revela uma grande autonomia ao nível das rotinas diárias, participando com gosto e muita dedicação nas actividades do dia-a-dia. Por outro lado é um grupo calmo que aceita tudo o que é novo de braços abertos. É um grupo que, de um modo geral, gosta de participar mostrando interesse pelas actividades propostas.

Gostam particularmente de aprender canções novas, de cantar as que já conhecem e de actividades de expressão plástica, revelam grande interesse em aprender tudo o que está relacionado com o conhecimento do mundo, gostam muito de história contadas e lidas.

São crianças que não apresentam grandes dificuldades de concentração e atenção à excepção dum ou doutro elemento.

Algumas revelam pouca autoconfiança e alguma timidez o que por vezes dificulta a sua participação/comunicação, ao contrário de outras que demonstram “excesso” de confiança em si próprias o que também, em certos momentos, dificulta a sua aprendizagem e integração no grupo.

Caraterização do contexto de uma realidade em desenvolvimento- Ilha de Moçambique (testemunho pessoal)

Moçambique é actualmente um país que vive em democracia, graças ao acordo de Paz firmado em 1992 entre as duas partes envolvidas na guerra, Frelimo e Renamo, e que veio finalmente pôr fim à guerra civil que se desenrolava à vários anos. Hoje em dia Moçambique é visto com um dos países em desenvolvimento com grandes potenciais para abertura a um novo mundo, através da recuperação económica que se traduz, entre outras, pela reconstrução daquilo que ficou destruído após os vastos anos de guerra, pela construção de novas e melhores infra-estruturas, pelo desenvolvimento do turismo, do comércio, da indústria, da agricultura, da exploração dos minérios. Mas e acima de tudo pela educação e cultura do seu povo, sem o qual nada disto será possível, pois são as armas do empenho de toda essa evolução.

Apesar de ser notável todo o avanço que tem sido feito nesse sentido por este país, ainda existem muitos outros desafios a desenvolver, pois Moçambique ainda pertence à lista dos países mais pobres do mundo.

Moçambique ainda é um dos países com um índice de mortalidade muito elevado, um país que uma grave epidemia de sida, entre outras doenças como por exemplo a malária. Muitos factores que levam este país ainda a ser considerado um país em vias de desenvolvimento.

Falemos da educação, um ponto de bastante relevância, pois perante a inexistência de um sistema de educação formal, muitas são as crianças que não frequentam a escola, e como testemunha presencial afirmo que, mesmo entre as que tem a possibilidade e o incentivo para o fazer, é notável a falta de meios para que o método se torne flexível e assim o resultado de todo esse empenho seja considerável.

Como em qualquer realidade quanto mais próximo nos encontramos da capital ou do centro notório do país, mais evoluída a população se encontra, pelo que é importante referir que tive a oportunidade de viajar pelo país podendo assim descobrir essas diferenças.

Na Ilha de Moçambique existem duas escolas, uma preparatória e uma secundária mas, infelizmente, foi-nos informado que só 40% das crianças frequentavam estes estabelecimentos, e mais triste é afirmar que a percentagem de quem frequenta o secundário é bastante inferior à que frequenta o preparatório, o que nos dá a indicação do elevado número de crianças que desistem de investir na sua formação.

Deviam procurar meios de fomentar nas crianças, desde cedo, a vontade pela descoberta de novos saberes, pois foi visível que apenas não o fazem por não serem estimuladas.

Aos meus olhos, para terminar, é um país rico em contrastes e aparentes incoerências, mas apesar delas é um país que nasceu absorvido num misto de diferentes culturas, um país absorvente que eu defino-o como mágico, mágico de um tudo, tudo esse, de emoções, de pessoas, de cores, de risos, de histórias que dia após dia tem mostrado uma força enorme na luta pelo seu desenvolvimento, um país que acredito ser merecedor de todo o reconhecimento da vasta caminhada que tem vindo a percorrer até aos dias de hoje. Desafios superados e outros ainda por o ser, mas que com o tempo e com o empenho daquele povo, um dia ainda iremos ouvir falar mais alto de toda esta nobreza.

2. Enquadramento Teórico

2.1- O que é brincar?

“Brincar é um comportamento muito frequente em períodos de expansão intensa do conhecimento de si próprio, do mundo físico, social e dos sistemas de comunicação; o que nos pode levar a supor que a actividade lúdica está intimamente relacionada com estas áreas do desenvolvimento.”

Catherine Garvey (1992:7)

2.2- Os Critérios da Brincadeira

No relatório que elaborei tenho como foco central o brincar como a estratégia que a criança encontra para se ligar e adaptar à realidade (outras pessoas, experiências vividas e observadas, objectos).

O Brincar é uma atitude que as crianças utilizam com frequência na procura tanto do conhecimento de si próprias como do mundo social e físico que as rodeia.

O brincar é uma actividade da criança que amplia toda a sua área de expressão oral/comunicação.

Através do brincar, a criança está a oferecer a si mesma a descoberta de novos saberes sociais, os quais são alicerces fundamentais para o seu processo de socialização e de relação com os outros. Ao brincar as crianças não só reproduzem conhecimentos e situações vividas como as partilham com os companheiros de brincadeira- comparando situações vividas, explicando, perguntando e assim, reconstróem e alargam os seus conhecimentos sobre o mundo.

A criança, por ter uma enorme facilidade em recriar imagens mentalmente enquanto brinca, actualiza momentos tanto de experiências anteriormente

vividas como de apenas meras observações e representa-os de acordo com os seus desejos.

Vigotski (1984) defende que a criação de situações imaginárias na brincadeira acontece devido a preocupações, como medos ou aflições, que o indivíduo tem em relação à sociedade onde está inserido, com o intuito de lhe permitir o desbloqueio da realidade imediata, proporcionando-lhe, assim, a capacidade de gerir em segurança uma situação existente que o preocupasse.

É importante referir que o acto do brincar é revestido de diversas formas e que estas estão sujeitas à mudança conforme o passar do tempo e as necessidades de quem brinca.

Existem diversas razões que originam a vontade da criança em brincar, ou por ser um momento divertido e agradável ou simplesmente porque gostam, pois é esta a forma que ela encontra para realizar os seus sonhos, desejos, fantasias para um outro mundo, com o intuito não só de apropriar-se desse mundo como também de a partir desse distanciamento ir à procura de uma realidade que não domina.

Por outras palavras, a criança quando brinca procura representar de uma forma mais realista as vivências acerca do seu mundo social e material, deixando transparecer para o exterior do seu corpo preocupações e medos que deste modo vai descobrindo e dando forma ao seu “Eu”.

O brincar pode ser visto como um processo pelo qual a criança passa com a finalidade de descobrir o mundo que a rodeia e desenvolver as aptidões necessárias para a sua vida adulta.

Através da brincadeira a criança consegue utilizar os conhecimentos já adquiridos e transformá-los em conceitos gerais, pelo que após essa transformação recorre a eles para brincar de modo a interiorizar certos modelos do adulto.

As imitações que as crianças fazem provêm de actividades que rodeiam o seu quotidiano. Enquanto brinca ao “faz de conta”, a criança identifica-se com essas actividades que podem ser apenas vivências reproduzidas tanto por si mesma como pelos adultos ou até mesmo das histórias que lhe contam ou que ouve no meios de comunicação. Tudo momentos que estão incluídos no seu dia-a-dia e com que ela tem contacto directa ou indirectamente, mas que acaba por armazenar no seu inconsciente.

Para Vigotski (1984) brincar permite a aprendizagem:

“(…) a criança ao brincar de faz-de-conta, cria uma situação imaginária podendo assumir diferentes papéis, como o papel de um adulto. A criança passa a se comportar como se realmente fosse mais velha, seguindo as regras, que esta situação propõe.”

Deste modo, o brincar ganha, como base inspiradora, as vivências do quotidiano que esta contextualiza. Vivências que são reflexo de experiências vividas tanto por si própria como pelos outros, que se completam através dos espaços e dos materiais e que mais tarde se transformam nos modelos socialmente pré-concebidos.

Sarmiento (2002) no texto “Jogo de guerra”, descreve uma situação de que é extraída a imagem de duas crianças, de um campo de refugiados no Kosovo, a brincar com uma barbie. Toda esta situação ocorre em simultâneo com o olhar apreensivo, desolado e fatalisticamente resignado dos adultos que com elas partilham as tendas de campanha dispostas para os albergar.

Este brinquedo barbie, designado objecto, que surge num contexto tão devastador com fortes sentimentos negativos, transmite a arrogância da sua aparência fútil em contraste com o infortúnio colectivo.

Aqui a barbie transmite o símbolo da maior industria do mundo direccionada ao mercado infantil de jogos e brinquedos, situada num contexto onde tudo está em falta, a comida, a casa, a escola, um país para viver, até mesmo uma família e a confiança num futuro visível, na incerteza constante da própria sobrevivência. Mas tudo isto é citado com uma força capaz de mostrar a capacidade das crianças perante toda esta terrível situação, e através desse objecto meramente criticado pelos valores que poderá transmitir no contraste com a realidade vivida mas capaz de ajudar aquelas duas crianças a transportarem-se para um outro mundo, e que através do jogo e da ficção conseguem apoderar-se de uma realidade, aos seus olhos, alternativa.

Também, noutra situação oposta um objecto ganha a interpretação de outro, como nos relata Sarmiento(2002) tendo como fonte Pedro Rosa Mendes, no livro “a Baía dos Tigres”, que viu umas crianças entre as ruínas da cidade do Bié, em Angola, jogando futebol, indiferentes à destruição à sua volta. Estas crianças incorporam personagens da sua ficção como qualquer criança de

outra parte do mundo, e por falta de melhor utilizam restos de uma caveira humana para dar continuidade a toda a sua brincadeira.

Sarmento (2002) salienta que as crianças não fazem por mal, o crânio estava disponível, seco e aparentemente tem as formas de uma bola. Deste modo transformaram esse objecto noutra idealizado pela sua preferência e vontade de brincar naquele momento.

2.3- Os recursos que a criança encontra para brincar?

Como foi referido anteriormente neste mesmo relatório, as crianças quando brincam encenam e representam as vivências tanto do seu mundo social como material, pois é através desta actividade lúdica - o brincar- que a criança começa a assimilar a realidade, simultaneamente testando-a e afirmando a sua personalidade.

Deste modo, a criança recorre a determinados recursos para reproduzir a brincadeira.

Papéis ou identidades- Poderão ser atribuídos tanto a participantes que estão no momento como a outros imaginários.

Planos de acção- Estes irão tornar-se, de uma certa forma, mais complexos à medida que a criança vai evoluindo e podendo, assim, vir a construir acções mais prolongadas que irão dar continuidade àquele momento.

Objectos e ambiente- São vulneráveis à criança, pois encontram-se consoante a necessidade da criança.

Quando referimos os papéis ou as identidades, pude observar, em diversos momentos ao longo do meu estágio, o recrutamento de personagens tanto fictícias como reais e para uma melhor compreensão decidi dividi-las em três grupos:

Familiares: Neste grupo os papéis são, sem dúvida, alguns dos mais importantes, a mãe, o pai, o filho, o bebé, os avós, podendo ainda incluir-se o cão nesta categoria.

Profissões/ que desempenham uma função (funcionais): Designamos estes papéis como aqueles que são determinados pela sua função, podemos mencionar como exemplo: o cozinheiro, o bombeiro, o médico, o polícia, o

professor, etc. É uma função geralmente linear pois as acções e atitudes são muito previsíveis e a sua esfera muito restrita.

Ficção/desenhos animados/imaginárias: Nesta categoria podemos incluir todos aqueles que não surgem da experiência directa, ou seja todas as personagens de filmes, livros, heróis e enredos que dão vida à imaginação das crianças.

2.4- O brincar como experiência cultural

“ Brincar é a nossa primeira forma de cultura. A cultura é algo que pertence a todos e que nos faz participar de ideais e objectivos comuns. A cultura é o jeito de as pessoas conviverem, se expressarem, é o modo como as crianças brincam, como os adultos vivem, trabalham, fazem arte. Mesmo sem estar a brincar com o que denominamos “brinquedo”, a criança brinca com a cultura. “

Machado (1999:21)

A criança enquanto brinca com outras crianças está espontaneamente a trocar saberes, o que possibilita novas descobertas tanto de si própria como do mundo que o rodeia, uma afirmação que já foi verificada anteriormente ao longo deste relatório.

Importa acrescentar que a primeira forma de brincadeira que a criança tem é enquanto bebé quando começa a explorar o seu próprio corpo e a interagir com a mãe, para assim se descobrir e descobrir o mundo.

A razão continua a ser a expressão de sentimentos interligando duas realidades a interior e a exterior, mas enquanto bebé ela representa-os através de gestos e a partir desde esse momento a criança quando se encontra em contacto com outras pessoas encontra-se numa partilha de culturas.

Sarmiento (2002), afirma que as crianças, nas suas interacções com os pares e com os adultos, estabelecem processos comunicativos configurados dos seus mundos de vida.

Em torno da minha experiência profissional, considero ser pertinente que o papel do educador, nos dias de hoje, seja actualizado. Hoje a realidade encontra-se mais distinta. Desta forma o educador deve fazer a ponte entre a realidade conhecida para a criança e aquela que ela não domina.

Nos dias de hoje a diversidade de culturas é cada vez mais significativa, o que deve influenciar a escola a procurar ser inclusiva e fazer a ligação com o sistema educativo, de forma a fomentar na criança o relacionamento com o outro tendo como base o principio da igualdade, do respeito entre todos tornando-as, assim, em cidadãos abertos e receptivos a novos costumes.

Para Santomé (2006), afirma que o docente na sua prática pedagógica deve, então, reconhecer diferenças culturais noutras pessoas e saber valorizar o potencial da diversidade cultural.

Desta forma, o educador ao privilegiar esse tempo está a desenvolver na criança a vontade na descoberta de novos saberes de forma a enriquecê-la enquanto indivíduo.

O educador devido ao aumento significativo da multiculturalidade está sujeito a que na sua sala exista uma variedade de culturas, devendo, deste modo, proporcionar abertura para que a inclusão seja realizada com o maior sucesso, pois na escola tal como na sociedade o direito é igual para todos independentemente da cultura que a criança tenha.

Em suma, olhando para todas estas ideias, o educador deve impulsionar o espaço entre as diferentes culturas, pois enquanto a criança brinca esta transmite saberes adquiridos anteriormente e na relação com os pares esses saberes são partilhados, reconfigurados e reinteriorizados.

2.4- O papel dos Materiais na Brincadeira

“Descobrir o que são as coisas, como funcionam e para que servem, ocupa grande parte da atenção e dos esforços das crianças na primeira infância. O termo «brinquedo» serve muitas vezes para designar objectos que os adultos desenharam ou seleccionaram especialmente para atrair uma criança, mas o fascínio exercido pelas propriedades das coisas pode abranger ainda muitos outros objectos.”

Garvey. (1992:65)

A criança tem uma enorme capacidade para invocar objectos ou pessoas ausentes pois adquire uma imagem mental das coisas que percepção. A cada imagem ela associa sinais ou símbolos, que passa a representar e que permitem a sua evolução.

Na brincadeira, os significados e as acções relacionadas com os objectos extrínsecos podem ser libertados, pois a importância que estes armazenam para o desenvolvimento infantil surge do valor que a criança lhes queira dar contribuindo, assim, para a mudança na relação da criança com os objectos.

Dependendo da importância e do valor que a criança deseja depositar no objecto, este pode perder o valor que tinha ao iniciar-se a brincadeira.

Observação nº1- realizada no dia 17 de Maio no período- 10:00h - 11:00h.

A L2 olha para o telefone e ao perceber que este está a ser utilizado por outra criança, pega numa escova de cabelo e transforma-a em telemóvel.

Segundo Vigotski (2012), a criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação ao que vê. Assim é alcançada a condição em que a criança começa a agir independente daquilo que vê.

A partir da sua imaginação, a criança é capaz de atribuir outros significados e sentidos aos objectos utilizados de forma a completar toda a sua acção.

Quando a criança se depara com um brinquedo, que aos seus olhos é desconhecido, primeiro procura explorá-lo de forma a conseguir obter uma

melhor compreensão do mesmo, só depois é que o procura utilizar das diversas maneiras que no seu intimo pensamento lhe foram aceites.

Piaget e Vigotski (1971) olham para a criança como um ser activo, atento, que constantemente cria hipóteses sobre o seu ambiente.

A brincadeira contribui para que ela se mantenha assim pois é através dela que a criança aprende a recriar a sua própria realidade.

O brinquedo enquanto objecto, em qualquer uma das sociedades, é um mediador da socialização com o outro pois é uma oportunidade a que a criança recorre para exprimir sentimentos com atribuição de diferentes sentidos.

Através do objecto a criança pode exprimir também o que o seu pensamento lhe reserva. Deste modo, enquanto futura educadora posso olhar para o brinquedo como um material de trabalho pedagógico porque me permite conhecer melhor as crianças e o seu mundo; adequar a minha acção pedagógica (propondo situações, materiais e interacções) de modo, a que as crianças desenvolvam a sua personalidade e a sua capacidade de relação com os outros.

Poderei utilizar o objecto como um elemento concreto para trabalhar valores que eu defendo serem importantes para o desenvolvimento da criança enquanto ser individual e ser social, inserido numa sociedade, valores esses como a partilha, o respeito, saber esperar, entre outros.

Podemos olhar para o brinquedo como um canal para a resolução de certos conflitos que a criança possa vir a criar na sua interacção com o mundo que a rodeia.

Garvey (1992:65)

Os objectos servem por diversas formas como elo de ligação entre a criança e o meio. Proporcionam oportunidades para a criança representar ou expressar os seus sentimentos, preocupações, ou interesses dominantes. Proporcionam, igualmente um canal para a interacção social com os adultos ou as outras crianças. Além disso, um objecto desconhecido geralmente desencadeia numa criança uma série de explorações e contactos com vista à compreensão do mesmo: uma sequência muitas vezes repetida que poderá eventualmente conduzir a uma concepção mais madura das propriedades do mundo físico.

2. 6- A brincadeira como estratégia de aprendizagem

Fazendo a ligação com o ponto anterior deste relatório, ao constatar que a brincadeira é para a criança uma tarefa muito importante para o seu desenvolvimento, é necessário disponibilizar o brinquedo educativo, o objecto que para além de ser algo ilustrativo de um momento divertido e agradável é capaz, em simultâneo, de desenvolver o potencial da criança porque através dele a criança pode aprender diversos conteúdos em todas as áreas do desenvolvimento.

Deste modo, podemos verificar que actividade lúdica- brincar, apresenta uma proposta e um objectivo que irá contribuir de forma positiva para o crescimento e evolução da criança não só enquanto individuo como também da sua integridade.

O ideal era que as actividades lúdicas fossem vistas como uma estratégia para desenvolver junto da criança as potencialidades necessárias para que futuramente se torne num adulto activo inserido numa sociedade.

Assim, as actividades lúdicas representam uma preparação da criança para o mundo que futuramente a espera, tornando-a num adulto bem estruturado.

Quando a criança está a aprender um jogo, que tem regras que têm de ser cumpridas está a aprender que cada jogador tem de respeitar a sua vez de jogar para de modo a que o jogo seja realizado de forma íntegra, São estas experiências com que a criança, desde cedo, entra em contacto que a ajudarão na socialização com o mundo e a interiorizar princípios que vai aprendendo para, assim, poder viver de uma forma mais estável e equilibrada.

Observação nº2 realizada no dia 2 de Maio no periodo 16:00h-16:30h.

A1 Jogava um jogo com P e com J2. J2 estava sempre a tentar controlar o jogo de forma a estar sempre a mexer nos dados o que indicava que não conseguia entender o objectivo do jogo. A1 controlava a situação orientando cada jogada para assim não perder o fio condutor.

Afirmou correctamente a posição de cada jogador sempre de acordo com as regras.

A1 é uma criança que tem muito bem incutida os valores e cuidados a ter na relação com o outro.

Com base em tudo o que foi referido anteriormente, a actividade lúdica não pode ser vista apenas como brincadeira. É importante que toda esta acção tenha uma forte intencionalidade tendo, assim, como objectivo principal desenvolver novas aprendizagens e assim olhar para a brincadeira como uma proposta educativa.

É muito importante, enquanto educador, sermos capazes de olhar para a brincadeira como uma estratégia de aprendizagem de uma forma lúdica mas nunca deixando que não seja instrutiva, pois só assim poderá contribuir para o desenvolvimento da criança.

Para terminar, posso ainda acrescentar que como verificámos anteriormente o brinquedo muitas vezes é um instrumento utilizado para resolução de conflitos. Desta forma o educador ao recorrer a estratégias lúdicas está a contribuir para que todo o processo de aprendizagem seja mais eficiente e harmonioso. Deve ser proporcionado à criança a possibilidade de explorar de diversas formas o brinquedo pois ela já se apresenta capaz de pensar, contestar e formular diferentes contextos que surjam para que, deste modo, esteja a ser um agente participativo em toda acção.

Concluindo, a actividade lúdica pode ser uma actividade central quando aplicada num contexto curricular com a intenção de ajudar a tornar a criança num ser apto a desenvolver em si mesma as diferentes áreas cognitiva, afectiva-social, física-motora.

3. A organização e gestão do espaço, do tempo e sua influência nas relações interpessoais

3.1- Relação a pares

Desde pequena que a criança aprende muito na sua relação com os outros, pelo que os educadores devem privilegiar esse tempo da criança pois desta forma a criança vai desenvolvendo as suas características e trabalhando diferentes áreas.

Passo a nomear algumas dessas áreas:

Expressão oral e comunicação - a criança ganha habilidades de comunicação, pois começa a ser capaz de exprimir o que sente e o que deseja.

Torna-se capaz de lidar com frustrações e medos como também a moderar nos conflitos com os outros, arrançando novas soluções e estratégias para assim evitar a má relação com o seu par, adaptando-se ao olhar do outro.

Privilegiando a relação com o outro estamos a dar a possibilidade da criança crescer por si olhando e observando o que a rodeia e com isso estar a mais consciente do seu mundo.

As relações a pares tornam-se numa conduta para a criança começar a traçar a sua própria personalidade.

Na relação a pares a criança aprende a ganhar uma maior capacidade de controlar melhor as suas próprias emoções e também a lidar com as suas frustrações e medos, pois este tipo de relação ajuda-a a resolver conflitos e a seleccioná-los dependendo da importância que lhes dá.

O educador deve favorecer esse tempo e espaço para que futuramente a criança se encontre apta a saber gerir com maior facilidade possíveis problemas psicológicos ou até mesmo escolares, sendo, desta forma, uma mais-valia para a sua vida futura.

Assim, o educador deve possibilitar à criança esta vivência relacional, tanto dentro da sala, nos recreio ou em outros espaços educativos, pois é um motivo de enriquecimento da sua experiência pessoal, obtida através das interacções-EU-TU-ELE. Nesta fase o adulto tem um papel importante pois ganha a percepção, pela criança, de alguém que ao privilegiar interesses individuais, está automaticamente a dar abertura a novos projectos colectivos de forma a

dar oportunidade da existência de novos grupos sociais ou até mesmo já existentes.

O educador está, assim, a dar a possibilidade da criança auto-modelar todo o seu EU já previamente conseguido, de forma a originar o NÓS, possibilitando novas aprendizagens consequentes de novas estratégias.

A escola é o lugar onde a criança se encontra durante o dia, é um local onde deve ser estimulada a relação entre pares, pois esta é base da vida social das crianças. Através da relação a pares podemos conhecer melhor o estado que define a criança pois, com os anos são esperados certos comportamentos e atitudes e ao privilegiar esse tempo a pares, o educador ganha uma noção mais concreta sobre a criança, ou seja, se ela está a evoluir nos parâmetros esperados.

Desta forma a relação a pares acaba por ser uma relação bidireccional com diferentes áreas, que irá colaborar positivamente para a boa evolução destas.

Concluimos assim, que as relações a pares tornam-se uma mais-valia para a formação da criança enquanto indivíduo pertencente a uma sociedade

3.2- A relação educador- crianças, a organização e gestão do espaço, do tempo e das relações interpessoais.

No jardim-de-infância considero que o papel do educador profissional é visto pelas crianças como um exemplo, como um adulto que cuida delas e as protege.

Esta afirmação tem como base de sustentação o tempo que este adulto passa diariamente com elas e todas as vivências que passam juntos no seu contexto –escolar. É este agente que, em torno dos serviços que dispõe bem como de todo o material e espaço que organiza, gere todo o tempo que as crianças têm para vivenciar situações de brincadeira.

O educador no início de cada ano lectivo dedica um tempo à organização da sala de aula para o decorrer do ano, apesar de estar consciente que poderão surgir algumas mudanças sempre que assim for necessário.

Desta forma o educador é considerado um facilitador de situações lúdicas, que se transformam em momentos onde a criança livremente experimenta, vivência e compreende projecções do mundo real.

O tempo e espaço são os eixos de que a criança depende para desfrutar de situações lúdicas. Desta forma o educador deve criar essas oportunidades, pensando nelas antecipadamente, para assim conseguir que elas surjam espontaneamente o que levará a criança a interagir melhor.

Toda essa interação do educador com o espaço e com o tempo criam a ligação educador- crianças, pois é ao percebermos a disponibilidade que o educador reserva e privilegia que ganhamos a visão da importância que este dá à actividade lúdica no jardim-de-infância.

O educador deve ser capaz de enquadrar os momentos de exploração lúdica como uma rotina na vida da criança, para assim esta poder criativamente trabalhar a continuidade e as sequências que cada acção possa vir a despertar no seu desejo.

Deve, também, proporcionar momentos simultâneos entre crianças, ou seja, enquanto uma brinca livremente outra interage em trabalhos orientados, de forma a distinguir essas duas acções e a desenvolver a responsabilidade com aquilo em que se envolve.

Articulação da actividade lúdica espontânea da criança e as propostas do educador:

Imagem nº1: Planificação

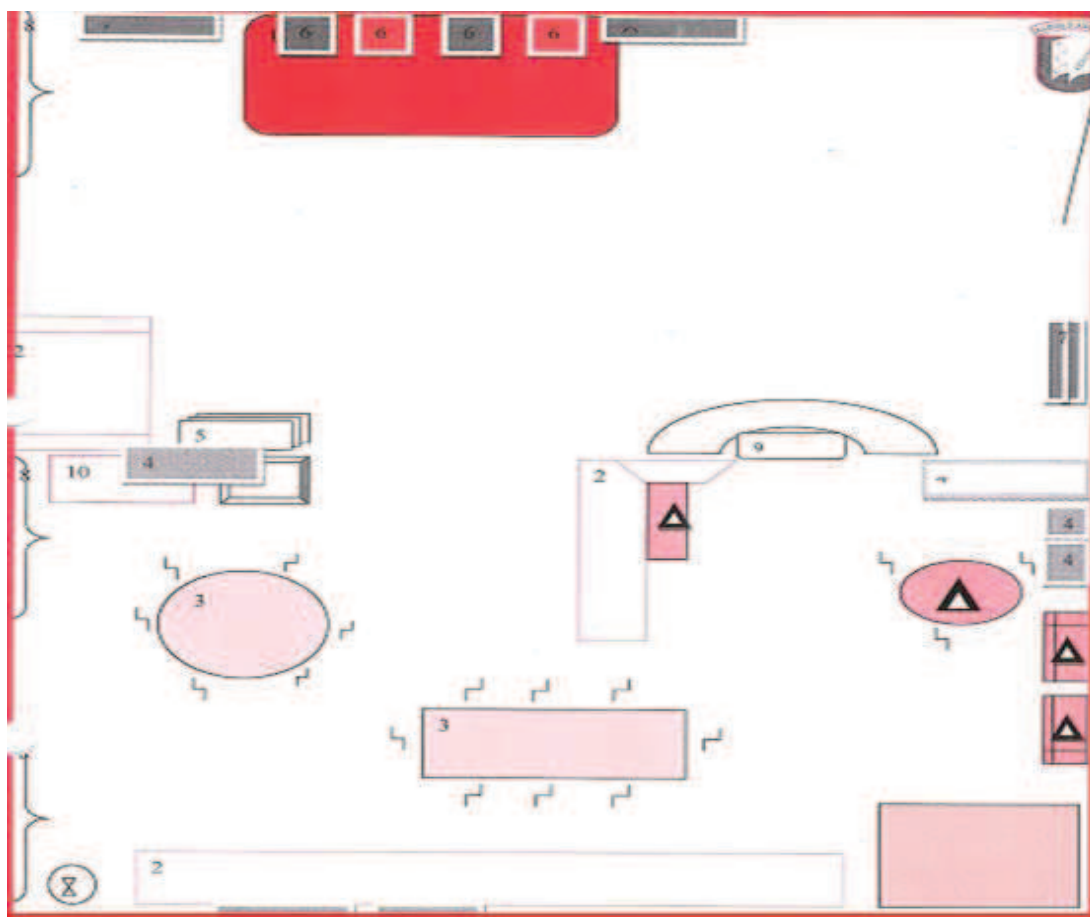
Horas/Semana	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira
9:45/10:25	Ginástica*	Manhã: - Actividade- Passeio no jardim da estrela sob o olhar de conhecedor do mundo: • Vegetação (apanhar plantas e folhas que estão apenas no chão) • Reconhecer os animais que encontrar • Tempo de brincadeira e exploração livre	Ginástica*	Actividade: - Painel decorativo	Natação / Tempo - Terminar actividades em atraso - Pintura - Desenho - Garagem - Casinha - Puzzles
10:25/11h	Música*		Música*	Inglês*	
11h-11:45	Almoço	Almoço		Almoço	Almoço
11:45/12h	Higiene	Higiene		Higiene	Higiene
12h-12:45		Ballet		Ballet	
12h-14:15	Sesta	Sesta		Sesta	Sesta
14:15/14:30	Higiene	Higiene		Higiene	Higiene
14:30/15:30	Tempo tese: Fomentar o espaço À brincadeira livre: - Casinha - Desenho - Pintura - Puzzles - Garagem	-Actividade- Patchwork Natural - Casinha - Desenho - Pintura - Puzzles - Garagem	-Actividades- Continuação do Patchwork Natural - Casinha - Desenho - Pintura - Puzzles - Garagem	-Actividade- Desenho sobre a natureza - Casinha - Desenho - Pintura - Puzzles - Garagem	Terminar actividades em atraso - Casinha - Desenho - Pintura - Puzzles - Garagem
15:30/16:00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

Legenda: Exemplo de uma planificação onde demonstra o educador como facilitador da brincadeira

Em média uma criança entra por volta das 9h e sai por volta das 16:30. Um tempo onde o adulto responsável tem o grupo a seu cargo, tendo assim, a oportunidade de reforçar a sua relação com as crianças.

Em certos momentos do dia esse contacto individualista sofre alterações, por exemplo quando o grupo tem actividades extracurriculares como a natação, a música, a ginástica e podemos incluir neste tempo o refeitório, enquanto o grupo almoça e lancha o espaço é partilhado por outros adultos responsáveis, por outros grupos de adultos que têm como função acompanhar e servir as crianças neste espaço e neste tempo.

Imagem nº2: Planta da Sala



Legenda:

- 1- Tapete
- 2- Armários de material didático
- 3- Mesas de trabalho
- 4- Placares
- 5- Biblioteca
- 6- Almofadas
- 7- Prateleiras
- 8- Portas com janelas
- 9- Espelho

- Casinha das bonecas
- └ Cadeiras
- ◆ Caixote do lixo
- 10- Escaparate de pintura



4. Metodologia

A metodologia que escolhi para responder à problemática que elaborei foi a recolha de informação por meio da observação directa, uma metodologia qualitativa.

Todo este processo técnico, foi elaborado no Externato Rainha D. Amélia- em Lisboa, no bairro de Campo de Ourique, enquanto dei apoio, acompanhando um grupo 23 crianças de jardim-de-infância seguido por uma educadora cooperante.

Utilizei observações directas para fundamentar e exemplificar todo o meu registo, de forma a poder assim justificar as minhas perspectivas e conclusões acerca da temática escolhida- Brincar.

Para ajudar a fundamentar toda a minha pesquisa, recorri leitura de obras de diversos autores que anteriormente já tinham estudado esta temática ou assuntos imergentes a esta, com o objectivo reforçar as minhas perspectivas.

Após a articulação entre a observação directa e a bibliografia projectei a construção de um instrumento que me ajudou a realizar um trabalho contextualizado, descritivo e concreto.

No final, esse mesmo instrumento, foi utilizado ponte entre o contexto onde estou a vivenciar toda acção e um contexto vivido anteriormente por mim de forma a abranger uma diversidade de culturas.

4.1- Universo de Pesquisa

Para poder recolher dados que me permitissem verificar as hipóteses colocadas e desta forma responder à pergunta de partida, observei 23 crianças, em diversos momentos do seu dia e o comportamento do educador cooperante em torno de diversas situações, no período de 8 de Abril a 21 de Junho de 2013. Todo esse tempo de pesquisa foi fundamentar toda a minha problemática estruturada inicialmente.

4.2- Investigação Qualitativa.

Observação directa:

A observação directa é análise de comportamentos espontâneos, interpretado segundo um código não-verbal. Dessa observação conclusões que irão fundamentar toda perspectiva formulada pelo observador.

A observação directa é feita no momento e o observador pode ser um agente activo, participa na acção ou passivo apenas observa-a.

Vantagens da observação directa:

- Captação dos comportamentos e dos acontecimentos produzidos no exacto momento em que este sucede;
- Recolha de atitudes e comportamentos espontâneos;
- Existe uma autenticidade nos acontecimentos;

Desvantagens da observação directa:

- A presença do observador pode provocar alterações nos comportamentos dos observados;
- O observador tende a criar a impressões tanto favoráveis como desfavoráveis que necessitam de ser contextualizadas;
- Através da observação directa é complicado generalizar resultados;
- Se os registos não forem bem estruturados, a observação irá depender apenas da memória do observador.

Para a observação directa ocorrer de uma forma mais coerente que assim o permitir, retirar pequenas amostras.

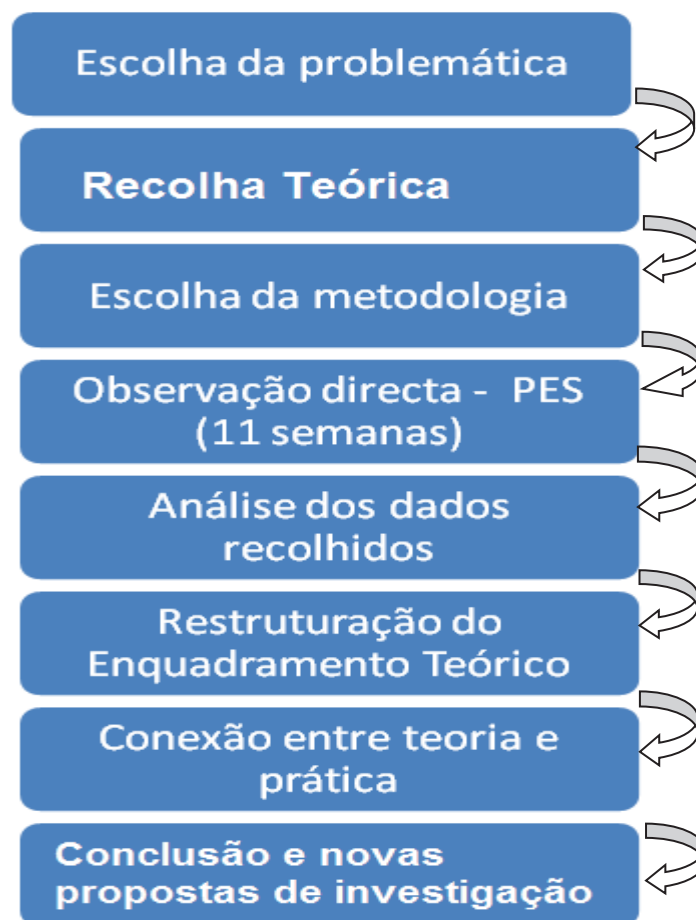
O registo deve ser feito apenas um de cada vez e realizado no momento, de forma clara e sucinta para assim quando o observador utilizar como instrumento de fundamentação, este saiba o entender e explicitar com clareza.

A observação directa é uma observação qualitativa, pois é exigido que a recolha dos dados seja elaborada com o maior rigor e que necessita de um vasto processo de pesquisa.

4.3- Etapas do processo do da Trabalho

O primeiro passo para a elaboração do relatório foi a escolha da problemática. Muitos, foram os autores (Piaget, Vigotski, Garvey, entre outros) que utilizei para orientar e fundamentar as questões de partida como a análise e interpretação dos dados recolhidos em estágio. Na imagem nº3 podemos verificar a representação sistemática de toda a investigação.

Imagem nº3: Etapas do processo do Trabalho



Legenda: Esquema das Etapas do Processo do Trabalho

5. Análise de dados: Resultados

Será que através da brincadeira a criança apenas exprime e exterioriza o que sabe ou também faz novas aprendizagens?

Após a realização deste estudo, posso constatar que a criança, através da brincadeira, pode exprimir e exteriorizar o que sabe mas existem, também, diversas outras razões por que ela o faz.

A criança brinca porque é divertido e agradável, algo que ela tem prazer ao fazer, uma forma que esta escolhe para realizar os seus sonhos, desejos, fantasias para um outro mundo, com o intuito não só de apropriar-se desse mundo como também de a partir desse distanciamento ir à procura de uma realidade que não domina.

Através da actividade lúdica – brincar- a criança, inicia um processo auto - regulador internamente, motivado pela experiência. Como verificamos ao longo do estudo, essa experiência dá origem a uma combinação de saberes, tanto de natureza cognitiva, como motora e afectiva, recolhida pela própria crianças ao longo da sua vivência.

Para concretizar esta proposição passo agora a relatar uma sequência nº:3 de uma experiência vivenciada pelo menos por uma das crianças inseridas, neste estudo.

Observação nº3 feita no dia 23 de Abril das 10:20h às 11:00, depois do acolhimento, no espaço da sala e que envolveu 1 menino e 3 meninas que designo por P, T1, L2 e I1.

Uma situação que ocorreu na casinha de boneca. A I1, começou a distribuir papéis, todos eles pertencentes à categoria família.

I1 tomou o controlo da brincadeira e decidiu que P era o pai e que ia pôr a mesa, enquanto ela ia fazer o jantar

T1 e L2 eram as filhas e I1 decidiu que estava na hora de irem dormir.

A criança aqui em foco é I1, através de todo o controlo que adquiriu ao longo da acção, foi demonstrando o desejo que ia sentido. As restantes crianças foram aceitando toda essa orientação sem se contraporem pois para elas toda aquela acção estava a ser divertida e agradável.

Era visível, todo o entusiasmo que tanto T1 como L2 estavam a sentir com a realização daquela acção, deitarem-se nas camas de bonecas, fingindo ser as suas, pois em toda encenação I1 tinha traçado que ambas iriam ser os bebés. P enquanto arranjava a mesa para o jantar, organizou os materiais de acordo com o que lhe é apresentado normalmente na realidade, prato no centro, garfo e faca em cada extremidade e o copo à frente do prato. De uma forma geral esta é a imagem que ele retracts da sua experiência vivenciada e neste caso observada, para toda a actividade lúdica que ia desenvolvendo.

De que maneira o papel dos materiais poderá influenciar toda esta acção - brincar?

A criança por ser capaz de recortar objectos ou até mesmo pessoas ausentes, encontra-se apta a captar uma imagem mental do que percepção. Como verificamos no estudo realizado no enquadramento teórico, a criança associa a cada imagem sinais ou símbolos que passa a representar, o que permite desta forma a e desta forma sua evolução.

Assim, podemos concluir que quando a criança brinca e recorre a um material para completar essa acção, estes estão intrinsecamente ligados.

Os materiais tornam-se num instrumento de socialização com o outro, e isto passa-se em qualquer sociedade. Devido a esse facto, o material passa a ser visto como uma oportunidade para a criança completar toda a sua acção. O material pedagógico em diversas situações pode ser um instrumento para a resolução de conflitos que a criança possa vir a criar tanto na sua interacção com o outro como com o mundo que a rodeia.

Na Observação nº4, registada a 19 de Abril por volta das 16:00h, no pátio, podemos verificar de que maneira o papel dos materiais podem influenciar toda acção- brincar-

Observação nº4:

V veio ter comigo a chorar e a queixar-se que o C2 não lhe emprestava os carros, referiu ainda que C2 não queria ser seu amigo.

Tentei inicialmente explicar a V que cada um tem o direito de decidir o que quer fazer com os seus brinquedos, mas que apesar desse poder de decisão

devíamos ter sempre em atenção os amigos e que devemos sempre saber partilhar.

Desloquei-me com V ao encontro de C2 e perguntei a C2 se tinha dito a V que não queria ser seu amigo.

C2 disse que não tinha dito, V interrompe dizendo que ele não lhe queria emprestar os carros. C2 em sua defesa diz que ainda não brincou com eles hoje.

Por ter sempre cuidado em poder inculcar valores que na minha opinião são importantes para o desenvolvimento da criança, referi que nós devemos sempre saber e mesmo antes de acabar a frase V interrompe-me novamente e finaliza dizendo:

-“Partilhar”

(Neste momento achei oportuno afastar-me um pouco do controlo daquela situação para poder observar como se iria proceder o desencadeamento do conflito.)

C2 olhou para os 3 carros e deu um para o V brincar e os dois afastaram-se daquele lugar interagindo um com o outro.

Nem passados 5 minutos, V deixa o carro no chão junto à árvore e envolve-se numa outra brincadeira com outros meninos.

Uma brincadeira que chamou a sua atenção fazendo-o perder o foco de toda a acção em que se inserira anteriormente.

C2 vai buscar o carro e chama outra criança com o intuito de procurar companhia para brincar.

De que forma a brincadeira é uma “ponte” entre a criança e o mundo facilitando a sua adaptação e intervenção na realidade não-lúdica?

Ao responder às questões orientadoras anteriores, podemos constatar que a brincadeira se apresenta como uma oportunidade da criança se relacionar com o outro, de contribuir para o seu desenvolvimento enquanto ser individual e social inserido numa sociedade. Assim, podemos verificar que a brincadeira é sem dúvida uma ponte entre a criança e o seu mundo, mundo esse, preenchido por pessoas, lugares, saberes, experiências, etc.

Nas crianças observadas, podemos averiguar o gosto que estas têm pela acção- brincar. O brincar, como pude constatar, reveste-se de diferentes formas que vão evoluindo com o passar dos tempos e das necessidades de quem brinca. Desta forma, a criança recorre a esta actividade por diferentes motivos, motivo esse impulsionou a criança a permitir descobrir o mundo que a rodeia e assim desenvolver, aptidões necessárias para a sua vida adulta.

Através desta acção lúdica, a criança começa progressivamente a assimilar a realidade, testando-a ao mesmo tempo que desenvolve e afirma a sua personalidade.

Na observação nº5 no dia 11 de Junho, podemos verificar um caso onde, ao brincar, a criança se depara com uma situação que é frequente no seu mundo real, a incapacidade de conseguir atingir um objectivo pelo que vai tentando consegui-lo, de diferentes formas umas inventivas outras sugeridas, sempre com o intuito de se tornar possuidora de novos conhecimentos.

Aqui as crianças D, V2, P, e C2, ambas do sexo masculino estavam a tentar saltar de quadrado em quadrado deixando um de intervalo. Diziam que estavam no espaço e era assim que eles andavam. Um tempo depois o A1, também do sexo masculino demonstra um interesse participar na brincadeira e o C2 explica o que é que ele tem de fazer.

A minha atenção focou-se no A1 quando percebi que na sua primeira tentativa não consegue e por erro pisa no quadrado do meio. A1 voltou a tentar mas novamente fracassou. Começou a ficar frustrado e completamente obcecado, já se tendo desconcentrado de toda a brincadeira inicial, ao ver os amigos a consegui-lo, apesar de uns melhor que outros, e por isso também queria sentir que era capaz de o fazer.

Decidi deixá-lo lidar sozinho com aquela situação para que aprendesse a lidar com a frustração mas, apesar de não interferir, acompanhei de longe toda a situação.

Entretanto a Mãe de A1 chegou para o vir buscar, ele mal a viu abandonou a situação e foi a correr ao seu encontro. Estava feliz, o que revela que procurou de imediato o conforto, um ponto seguro pois na sua visão de tempo já há muito que estava a lidar com a uma situação que não dominava.

No dia 17 de Junho, na aula de ginástica, o professor Francisco na sua palificação decidiu que um dos exercícios era no sentido que cada criança salta-se os arcos sem tocar no centro.

O A1 quando chegou a sua vez parecia estar com receio de falhar, mas o professor Francisco ao aperceber-se que o A1 estava com medo foi ajudá-lo, dando-lhe a mão, e desta forma o A1 conseguiu executar bem o exercício.

Depois sugeriu que ele o voltasse a fazer mas sem ajuda, e quando o A1 o tentou, falhou caindo no chão.

O professor explicou que tinha de fazer força nos joelhos e ajudou-o mais duas vezes para o A1 ganhar confiança.

Numa nova tentativa o A1 conseguiu executar o exercício sozinho com sucesso, e foi felicitado por todos. Depois o professor deu um tempo para todos poderem brincar livremente com os arcos, e o A1 continuou a praticar o mesmo salto.

Mais tarde decidi orientar a brincadeira do grupo masculino de forma a poder indirectamente mostrar ao A1 que ele conseguia ultrapassar a frustração da brincadeira do “espaço”. E sugeri, que todos juntos fossem brincar à brincadeira do espaço, tive de lhes recordar qual é era, para que todos do grupo se lembrassem, para além de fazer questão de ser uma participante activa neste tempo. É importante referir que o restante grupo (feminino) ao se aperceber que os rapazes estavam a brincar comigo também se quiseram juntar à brincadeira.

Pude observar que o A1 já conseguia dar o salto entre os dois quadrados e toda a sua disposição estava diferente.

Uma brincadeira simples pode gerar frustrações sendo, por isso, importante que a criança a aprenda a ultrapassa-las sozinha, de forma, arranjando novas estratégias ou mesmo, através do treino e muita persistência.

Toda esta atitude ajudará a criança, no futuro, a tornar-se um adulto mais confiante e determinado.

De que modo a relação com os adultos, considerando que o brincar é uma actividade entre crianças, poderá contribuir para o desenvolvimento das diferentes aptidões (sócio-afectivas, motoras e cognitivas) durante a brincadeira?

Caracterizamos os dias de hoje como um tempo em que as pessoas deixam de valorizar as coisas essenciais da vida. As pessoas acabam por se esquecer do que é realmente importante para si próprias e para os outros e envolvem-se na era do consumo, olhando para a felicidade como um desejo de fama na sociedade onde se inserem com uma duração efémera.

As crianças são consequência disso acabando por, sem culpa, nascer nesta nova era e ganham a percepção desta falsa felicidade.

Há uns anos olhávamos para as ruas e estas eram pintadas de diversas cores, de sorrisos. Hoje a sociedade é vista sob um olhar mais individualista, de uma forma mais triste, cada ser humano ocupa o seu tempo absorvendo-se totalmente em si próprio e observa a felicidade não como um caminho mas como um objectivo a ser atingido.

Podemos verificar um exemplo na_Observação nº6, dia 10 de Maio no período entre as 10:00 e as 11:00 da manhã na sala.

Observação nº6:

Estava reunida com 4 crianças B1, A2, T2 e M1 a jogar um jogo dos animais. Ao longo do jogo, B1 esteve sempre a referir que estava a ganhar pois tinha mais peças que os restantes jogadores, como adulta tentei explicar que o importante não é ganhar mas sim participar e que temos de respeitar a vez dos outros, pois M1 estava sempre a querer jogar. Ao longo deste tempo tentei inculcar valores sensibilizando o grupo para o momento a pares, valorizando a amizade e o respeito pelo próximo.

6. Conclusão

Como futura educadora considero que esta deve facilitar a brincadeira porque a brincadeira se pode tornar numa actividade para intercalar com as de outras áreas de contudo porque ao brincar a criança está a aprender. Deste modo a criança ao brincar está a aprender. Deste modo, defendo a brincadeira como processo para a criança se desenvolver enquanto pessoa. Podemos verificar na Carta dos Direitos da Criança a defesa desta, pois a criança deve ser livre para brincar porque até a uma certa idade ela confunde a brincadeira com a própria realidade. É difícil para ela fazer uma distinção coerente e legítima da brincadeira e da realidade mas a certa altura começa, aos poucos, a ser capaz de entender essa diferença e são essas diferenças que se tornam algo significativo e representativo na vida da criança.

Assim, interpreto a brincadeira como um vínculo entre a criança e o mundo, uma ponte tanto num contexto social como cultural, pois através desta, ela relaciona-se com outras pessoas, dá-se uma troca de saberes e de experiências, o que faz com que a criança esteja numa constante aprendizagem. Mais uma vez, se demonstra a importância que o educador tem em reforçar essa ligação facilitando o tempo, o espaço, os materiais adequados, pois as crianças não nascem a saber brincar mas é, sim, algo que vão descobrindo e complexificando.

Hoje procuro ser uma educadora de coração, entregando-me 100% a esta profissão, no intuito de criar novas amizades com base no amor o qual, na minha opinião, é o melhor ingrediente para a tornar verdadeira.

Com base em toda esta minha problemática, procurei ser, ao longo do meu tempo de estágio, um agente facilitador da brincadeira, de forma a contribuir para a sua evolução.

Apesar da criança começar a ser capaz de fazer a separação entre o imaginário e o real, ela passa a maior parte do seu tempo a brincar, brinca até à exaustão e é por esta razão que ela até por volta dos 3 anos confunde esses dois mundos. Acredito que todo o processo que a criança passa enquanto brinca, os diferentes brincares que cada idade necessita, pois como já foi referido neste relatório, Garvey defende que o brincar reveste-se de diferentes formas que vão evoluindo com o passar dos tempos e das necessidades de

quem brinca. Assim, enquanto educadora, vou privilegiar esse tempo onde as crianças estão envolvidas numa intensa descoberta.

“Descobrir o que são as coisas, como funcionam e para que servem, ocupa uma grande parte da atenção e dos esforços das crianças na primeira infância. Os objectos servem por diversas formas como elo de ligação entre a criança e o meio. Proporcionam oportunidades para que a criança possa representar ou expressar sentimentos, preocupações e/ou interesses dominantes.”

Garvey

Podemos olhar para a brincadeira como a profissão que a criança tem nesta idade, pois a profissão é designada pelo género de trabalho habitual de uma pessoa. Deste modo podemos afirmar que o brincar para a criança é igual à actividade profissional para o adulto.

É muito importante que os educadores compreendam a importância do brincar, e tudo o que esta actividade implica, pois desta forma estará a contribuir para a criança se desenvolver de uma forma mais positiva e mais coerente.

Se os educadores não se mostrarem aptos a compreender o valor da brincadeira, toda a sua prática docente pode ser posta em causa, pois na idade pré-escolar o brincar é actividade das crianças em que elas através, diversas formas tanto conhecidas como inventivas fazem descobertas e aquisições (novas palavras, regras, princípios e valores, conceitos matemáticos, noções de estudo do meio, entre outros).

Para tal, e segundo a Tojal e Castro (2008), é preciso que o educador tenha na estrutura básica do seu planeamento e nas suas diversas etapas, cuidados essenciais tais como:

- Coerência- Desta forma o planeamento ganha um sentido de unidade e assim pode estabelecer a correlação entre as partes que o compõem e a totalidade da prática.
- Sequência- Auxilia o educador a estruturar o planeamento de forma a conseguir gradualmente integrar de uma forma gradual as diferentes componentes.

- Flexibilidade-Toda a estrutura tem que ser vulnerável a sofrer alterações de modo a conseguir corresponder às necessidades dos alunos.
- Precisão e objectividade- O educador deve ser claro e preciso nas suas intenções e nos seus objectivos de forma a evitar conflitos quanto à sua interpretação.

Deste modo, o educador deve passar por toda uma estrutura na elaboração dos planos de acção de forma a conseguir corresponder da melhor forma às necessidades da criança.

O educador deve passar primeiro por toda uma etapa de preparação, nesta fase estuda todo o projecto de forma a determinar se é possível construí-lo. Em seguida, surge a etapa do desenvolvimento, aqui o educador define a sua linha orientadora, o que se pretende e como se pretende? Após delinear essas tais linhas o educador passa à fase posterior onde vai aperfeiçoar toda essa sua orientação de modo a ajustá-la para, assim, tornar sustentável a sua realização. Por fim o educador passa à fase de concepção do planeamento, é muito importante que este seja realista para, assim, toda a sua intencionalidade ser trabalhada.

Concluimos, portanto, que o educador para ser um facilitador da brincadeira, ao planear a sua acção tem de ter sempre presente qual a sua intenção. Assim o educador ao inculcar toda a sua acção pedagógica deve olhar para o seu Eu. O Eu que o define como pessoa e o leva a seguir certos princípios de orientação, pelo que, deste modo, deve ver, sentir, pensar, interpretar antes mesmo de tomar a acção e agir, de forma a tornar todo o seu trabalho mais coerente e completo.

Desta forma, o educador torna-se um facilitador da brincadeira e será que desta forma é facilitador do desenvolvimento? Esta é a questão que deixo em aberto para a minha vida profissional.

7. Bibliografia

- Alves, L.V.(2008). *Quem foi Maria Ulrich*. Lisboa: Tenacitas.
- Alves, R. (2001). *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Edições Asa
- Brougère, G. (2000). *Brinquedo e cultura*. 3. ed. São Paulo: Cortez
- Chateau, J. (1987). *O jogo e a criança*. Coimbra. Summus Editorial.
- David, Myriam. *A criança dos seis 0 aos 6 anos, vida afectiva, problemas familiares*. Moraes Editores
- DGIDC, Pró dignitate- *Fundação dos direitos humanos* (2010). Declaração dos direitos da criança. Lisboa: DGIDC.
- ESEIMaria Ulrich. (2008). *Modelos pedagógicos em educação infância: actas do curso intensivo UTAD/ESEIMaria Ulrich:2007*. Lisboa: ESEIMaria Ulrich.
- Ferland, F (2006). *Vamos Brincar: na infância e ao longo de toda a vida*. Lisboa: climepsi.
- Gallino, Tilde Giani. (1998). *O mundo Imaginário das crianças*. Civilização
- Garvey, Catherine (1992). *Brincar*. Edições Salamandra.
- Gaspar. M.F.R.F (2010), Maio/Agosto. *Cadernos de educação de infância*; APEI,90:8-10.
- Kramer, S.& Leite.M.I.F.P(1998). *Infância e produção cultural*. São Paulo: Papyrus Editora.
- Machado, M.M. (1999). *O brinquedo-sucata e a criança: A importância do brincar; Actividades e materiais*. São Paulo: Edições Loyola
- Minet, H. & Duarte, I.M.& Centero,J.P. (1994). *Como se torna uma escola activa: Projecto de área-escola*. Sintra VRAL.
- Piaget, J. (1970). *A construção do real na criança*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Piaget,J. (1971). *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: ZAHAR.
- Queiroz, R.(2002). *Educação: Uma conquista de todos os dias*. Barau, SP:EDUSC
- Sá, Eduardo. (1993). *Psicologia dos Pais e do Brincar*. Fim do século.
- Santos, Arquimedes. (1991). *Aspectos Psicopedagógicos da Actividade Lúdica*. Instituto de apoio à criança.

- SANTOMÉ, Torres Santomé, Jurjo. *A Desmotivação dos Professores*. Lisboa: Edições Pedagogo. 2006.
- Santos, Santa Marli (org). (2001). *A lucidade como ciência*. Editora Vozes.
- Sarmiento, M.J. (2002). *Imaginação e cultura da infância*. [Documento electrónico]. Recuperado: 12 de Abril de 2013 em: <http://www.titosena.fald.udesc.br/arquivo/artigos-infancia/cultura%>
- Rogers, C.R. (1971). *Para uma teoria da criatividade*. Lisboa: itau
- Vygotsky, L.S. (2007) *A teoria de Piaget sobre a linguagem e o pensamento das crianças*. In L.s. Vygotsky, *pensamento e linguagem*. (PP.23-37). Lisboa CLIMEPSI Editores.
- Vygotsky, L. (2009). *A imaginação e a arte na infância*. Lisboa: Relógio de água.
- Vygotsky, L. (2012). *Imaginação e criatividade na infância: ensaio de psicologia*. Lisboa: Dinalivro.
- Widlocher, Daniel (1970). *Psicodrama Infantil*. Editora Vozes, Brasil.
- Winnicott, W. (1979). *Acriança e o seu mundo*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar editores.

Anexos

Índice de Anexos

- I. Tabela das observações utilizadas**
- II. Tabela de outras observações**

I. Tabela de Observações

Observação nº	Episódio	Página	Data	Hora
1	“Telefone”		17 de Maio	10:00-11:00
2	“Jogo”		2 de Maio	16:00-16:30
3	“Casinha Mãe I1”		23 de Abril	10:00-11:00
4	“Carros V”		19 de Abril	16:00-16:30
5	“Espaço”		11 de Junho	16:00-16:30
6	“Jogo de animais”		10 de Maio	10:00-11:00

II. Outras observações:

Observação nº	Episódio	Data	Hora
7	“Pequeno professor”	16 de Abril	10:00-11:00
8	“Castelo”	30 de Abril	10:00-11:00
9	“Passar a ferro”	3 de Maio	10:00-11:00
10	“Cabeleireiros”	10 de Maio	16:00-16:30
11	“Médico”	24 de Maio	10:00-11:00
12	“Dona de Casa”	31 de Maio	10:00-11:00
13	“Dinossauros”	4 de Junho	16:00-16:30
14	“Um lanchinho para a joaninha”	14 de Junho	16:00-16:30
15	“Grande Corrida”	20 de Junho	10:00-10:25